

O ORGASMO COMO ESPETÁCULO ¹

Amadeu de Oliveira Weinmann ²

Este trabalho interroga a cultura contemporânea em um dos seus aspectos mais espetaculares: o que concerne aos seus ideais. Pois o que se espera de nós, se não que a nossa existência possa reluzir esplendorosa, diferenciando-nos dos demais, que são incapazes de ultrapassar a sua condição de mortais comuns? Qual o valor de uma vida que não ingressa no circuito do espetáculo, que não merece os holofotes midiáticos, que não dê um *best seller*? Vidas infames, como disse Foucault, as quais experimentam um brilho fulgurante precisamente no momento em que se chocam com as engrenagens do poder e obtêm um registro nos arquivos da delegacia, nos prontuários do manicômio, ou nas páginas menos nobres dos jornais. O ideal de tornar-se um sujeito espetacular é uma injunção das nossas culturas, à qual resistimos com muita dificuldade.

E que efeitos subjetivos produz tal injunção? Que preço pagamos para tornarmos-nos um espetáculo? O trabalho psíquico realizado no sentido de identificar o nosso *eu* com os ideais espetaculares da nossa cultura é extraordinário e – o que é ainda mais impressionante – sempre insuficiente. O executivo que, após reerguer uma mega-empresa quase quebrada, deita a cabeça no travesseiro e relaxa, pode adormecer rico, sonhar-se no centro das atenções da imprensa internacional e acordar desempregado. A bela que põe de joelhos os machos de todo o planeta é a mesma que, tomada de fúria assassina, destrói o quarto do hotel ou ingere a cartela inteira de tranqüilizantes, quando lhe apontam o aparecimento de uma celulite. A disseminação quase epidêmica da síndrome do pânico parece ser um sintoma privilegiado dessa cultura do espetáculo. Os esforços descomuns do *eu*, visando atingir aos seus ideais, freqüentemente desembocam na sua ruína. Livre de anteparos, a angústia reina. E quando o *eu* consegue reorganizar-se – recalcitrante, amedrontado –, reluta em retomar a luta. Fica de fora, assistindo à espetacular carnificina – da qual é um ex-combatente – e sufocando sentimentos de fracasso por meio de um antidepressivo de última geração.

O arsenal sempre renovado de ideais espetaculares que a nossa cultura oferece apresenta duas características fundamentais: a normatividade e a universalidade.

¹ Trabalho apresentado no 7º Congresso Internacional de Psicoterapia Corporal *A Psicoterapia Corporal nas redes sociais* (São Paulo, out./2005). Publicado em: *Revista reichiana do Instituto Sedes Sapientiae*, São Paulo, ano XV, n. 15, p. 10-13, 2006.

² Psicoterapeuta Reichiano (CRP: 07/09371), historiador, especialista em Clínica Psicanalítica e doutor em Educação.

Trocando em miúdos: a beleza de Gisele Bündchen é modelo de identificação para as mulheres e de objeto de desejo para os homens do mundo inteiro – e danem-se as garotas gordinhas, baixinhas e sem peito e os rapazes fracotes e sem grana, que nunca ficam com a gostosa da turma. Essa normatividade universalizante organiza um código que não é jurídico, mas de normalização das condutas. Buscar corresponder aos ideais espetaculares da nossa cultura é que é o normal!

Toda essa digressão é apenas para colocar um problema: essa vocação das nossas culturas de tudo espetacularizar pode infiltrar-se, inclusive, nas nossas práticas teórico-clínicas? O conceito reichiano de *potência orgástica* – horizonte da nossa prática clínica – pode configurar-se como um ideal espetacular? O *caráter genital*, tal como se apresenta em algumas práticas teórico-clínicas reichianas concretas, é esse sujeito-espetáculo? A *genitalidade* constitui-se em uma norma? Em suma, em que medida pomos em movimento novas formas de normalização das condutas? É essa problematização que este trabalho lança, pressupondo que existem, sim, práticas de inspiração reichiana, que se orientam por ideais espetacularmente orgásticos e que promovem a subjetivação por meio do assujeitamento a tais ideais. O objetivo deste trabalho é mostrar que as elaborações conceituais de Wilhelm Reich não oferecem suporte para tais pretensões. E que, se elas florescem, é porque perdem de vista o que de mais valioso existe na obra de Reich: o extraordinário vigor da sua crítica à cultura do seu tempo.

Tomemos o conceito de prazer, crucial na teoria reichiana. É possível descrever o seu modelo? Esse modelo assume a forma de uma normatividade universalizante, que funcione como norma, que defina o que é o prazer normal? Tal concepção de prazer configura-se como um ideal espetacular, ou seja, como uma meta sedutora, que nos incita ao trabalho psíquico de elaborar quem somos de acordo com a sua imagem e semelhança? Penso que não. No artigo *A respeito da energia das pulsões*, de 1923, Reich diferencia a excitação sexual de outros processos excitatórios, que também implicam um incremento de tensão, sugerindo que é próprio à sexualidade reconhecer o incremento da excitação como agradável, uma vez que a resolução da tensão seja percebida como possível. Nessa perspectiva, a elevação da tensão é, em si própria, gratificante, na medida em que permite vislumbrar um prazer, que já é experimentado à medida que a excitação vai aumentando. Isso pressupõe a existência de um registro mnêmico, que vincule o incremento da tensão ao relaxamento agradável. É a partir dessas elaborações, que Reich (1992, p. 83) propõe que “[...] a pulsão é a expressão motora da lembrança do prazer já experimentado”.

Portanto, a pulsão – ou seja, o que nos move, o que nos impulsiona rumo à repetição das vivências prazerosas – é contingente, não possui modelo prévio, organiza-se de acordo com as experiências históricas de um sujeito. Alguém pode dizer que temos aqui um modelo, ainda que singular a cada subjetividade. É verdade. Porém, o paradoxo crucial do prazer orgástico é que a tendência a repetir as experiências prazerosas implica, necessariamente, a introdução de uma diferença. Em *A função do orgasmo*, Reich (1994: p. 100) descreve a condição psíquica fundamental da potência orgástica:

Há uma transferência genuína do objeto primitivo para o companheiro. [...] Se, entretanto, a transferência dos interesses sexuais ocorre somente com base em um desejo neurótico do objeto primitivo, sem a capacidade interna da transferência genuína, e apesar de não haver identidade entre o companheiro e o objeto fantasiado, então nenhuma ilusão pode afogar o vago sentimento de artificialidade na relação.

Uma voz discordante da argumentação aqui sustentada pode contrapor que Reich dedica uma seção inteira – 12 páginas – do capítulo “O desenvolvimento da teoria do orgasmo”, em *A função do orgasmo*, para uma descrição minuciosa da potência orgástica. Reconheço os direitos de tal leitura. Porém, tomar tal descrição como prescrição me parece de um fundamentalismo atroz, o qual, além de revelar a impossibilidade do leitor de produzir uma reflexão teórica própria, não faz justiça a Reich. O conceito potência orgástica descreve uma dupla operação. Por um lado, refere-se à possibilidade de um sujeito orientar a sua percepção rumo ao que lhe excita. Nas palavras de Reich (1994, p. 96):

A consciência está inteiramente dirigida para a assimilação das sensações ondulantes de gozo. O ego participa ativamente, na medida em que tenta explorar todas as possíveis fontes de prazer e atingir o mais alto grau de tensão antes do momento do orgasmo.

Por outro lado, implica também que, a partir de um determinado ponto, não haja mais um sujeito que procura um prazer, mas uma onda de movimentos involuntários e de intensidades de sensações – a convulsão orgástica –, a qual arrasta um sujeito, obscurecendo a sua consciência e dissolvendo, ao menos temporariamente, as fronteiras da sua individualidade. É precisamente essa possibilidade de entregar-se aos fluxos intensivos, que lançam um sujeito na experiência vertiginosa da dissolução dos limites entre o si próprio, o outro e o cosmos, o que singulariza o prazer orgástico.

Seria este, enfim, o ideal espetacular reichiano? Para analisar esta questão, é necessário mesclar cautela e rigor. Ideais espetaculares são próprios de uma cultura

narcísica, isto é, que promove a glorificação da imagem de si própria. Ideais espetaculares são aqueles que se oferecem ao *eu* como instrumento da sua transformação em um *eu* ideal. Ideais espetaculares envolvem a paixão de um sujeito pela imagem idealizada de si próprio. Ora, a experiência do prazer orgástico implica a transgressão dessa injunção das culturas contemporâneas. Para ingressar em tal aventura, um sujeito tem de dispor-se a desprender-se da imagem que possui de si mesmo e a lançar-se rumo a uma experiência indeterminada de si próprio e do outro. Estranho modelo, este. Informe, imprevisível, sem imagem ou conteúdo.

Nada mais avesso ao prazer orgástico do que a identificação de um sujeito à imagem de si próprio. O encantamento narcísico, quando se cristaliza em identidade – o que Reich denomina caráter neurótico –, constrói uma blindagem contra os fluxos de intensidades, que transversalizam um sujeito. Caráter genital não é um tipo psicológico ideal – uma norma –, mas uma virtualidade do *eu*, a possibilidade de um sujeito experimentar-se em suas fronteiras, lá onde ele deixa de ser quem é. Talvez alguém mais prudente considere que, para que um sujeito faça tal experiência de si, em nossas sociedades do espetáculo, é preciso que se organize como um *eu* minimamente ordenado. Pois esta meta, nada espetacular, orienta a clínica reichiana que faço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERARDI, Ben; et. al.** *Seminários espetaculares*. Porto Alegre: Corag, 2002.
- DEBORD, Guy.** *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, Michel.** Soberania e disciplina. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- _____. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Coleção Ditos e Escritos: IV.
- REICH, Wilhelm.** A respeito da energia das pulsões. In: *Primeiros escritos*. Rio de Janeiro, 1992. 126 p. mimeografado.
- _____. *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. O caráter genital e o caráter neurótico. In: *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.